



## A sinagoga como espaço religioso e comunitário

### *The synagogue as a religious and community space*

Alexandre Leone\*

**Resumo:** A sinagoga tornou-se, ao longo dos últimos dois mil anos, o local principal onde são realizadas as liturgias públicas judaicas. O presente artigo trata dos aspectos arquitetônicos externos e internos relativos às sinagogas e de seu uso como espaço religioso e comunitário através dos séculos. Além da arquitetura e organização do espaço da sinagoga é abordado, também, o uso coletivo litúrgico desse tipo de lugar de adoração. A versatilidade e a permanência dessa instituição são também abordadas.

**Palavras-chave:** Sinagoga. Judaísmo. Orações judaicas. Torá.

**Abstract:** The synagogue has become during the last two thousand years the main place where Jewish public liturgies are held. This article deals with the external and internal architectural aspects of synagogues and their use as religious and community space through the centuries. In addition to the architecture and organization of the synagogue space, the collective liturgical use of this type of place of worship is also addressed. The versatility and permanence of this institution are also addressed.

**Keywords:** Synagogue. Judaism. Jewish prayers. Torah.

## Introdução

Está escrito em uma conhecida passagem da literatura rabínica, na Mishná:

Rabi Halaftá ben Dossá de Kfar Haniná disse: Dez [pessoas] que se sentam e se ocupam com a Torá, a Presença Divina paira entre elas, como foi dito (Salmo 82:1): “Deus mantém-se postado em uma assembleia Divina”. De onde sabemos [que o mesmo ocorre] com cinco [pessoas]? Pois foi dito (Amos 9:6): “E Ele estabeleceu o Seu grupo sobre a terra”. De onde sabemos a respeito de três? Pois foi dito (Salmo 82:1): “Entre os juízes Ele julga”. De onde sabemos a respeito de dois? Pois foi dito (Malaquias 3:16): “Então, temerosos a YHWH (Hashem - O Nome) conversaram um com o outro, e YHWH prestou atenção e escutou”. De onde sabemos a respeito de um? Pois foi dito (Êxodo 20:20): “Em todo lugar em que Meu Nome seja mencionado virei a ti e te abençoarei”. (Pirke Avot 3:6 Mishná, 1981, p. 795)

Dessa passagem da literatura rabínica fica implícito que os primeiros sábios de Israel ensinam que o judeu pode orar ou estudar a Torá em qualquer lugar, pois onde o Nome Divino é mencionado, ali mesmo a Presença Divina se revela e envolve o devoto. Desse modo, é estabelecido que uma congregação ou um indivíduo sozinho não necessitam estar em um lugar especialmente consagrado para lá performar as liturgias de rezas ou a leitura pública das Escrituras, que as congregações fazem regularmente. O

---

\* Doutor em Filosofia (USP). Doutor em Língua Hebraica/Literatura e Cultura Hebraica (USP). Professor de Teologia na UNISAL. Professor colaborador do Centro de Estudos Judaicos da USP. Professor da Faculdade de São Bento. Contato: [alexleone29@gmail.com](mailto:alexleone29@gmail.com)

mais importante, segundo a tradição rabínica, a reunião de um quórum mínimo de dez adultos, única exigência para que um serviço religioso considerado público ocorra. A congregação reunida é mais importante do que o lugar em si onde as pessoas se ajuntam para rezar ou ler passagens. Não é necessário, inclusive, que as orações individuais ou públicas ocorram dentro de um recinto, podendo ser proferidas mesmo a céu aberto. Os sábios na Mishná, no Tratado de Berakhot, apenas fazem restrições a sítios com cheiro desagradável ou a ruínas, como sendo os lugares que deveriam ser evitados. Assim, ao contrário das oferendas sacrificiais descritas no Levítico, que só poderiam ser feitas no Templo de Jerusalém e somente pelos sacerdotes descendentes de Aarão da tribo de Levi, as rezas judaicas e a leitura pública das Escrituras, além de poder ser feitas em qualquer lugar, podem ser lideradas por qualquer pessoa designada pela congregação local para essa função, sem necessidade de nenhuma ordenação especial. O serviço religioso feito nas sinagogas é, assim público, e laico. Nem mesmo os rabinos têm tradicionalmente uma função espacial durante os serviços religiosos.

Contudo, mesmo não sendo necessário, por conveniências coletivas os judeus criaram, há mais de dois mil e duzentos anos, espaços comunitários designados a sediar seus serviços religiosos e suas reuniões comunais (Fine, 1996, pp. 21-24 e Widoger, 1992, p. 29). Esse tipo de espaço é hoje mais conhecido como pelo nome de sinagoga, do grego συναγωγή, *sinagogaē*, que significa algo como “assembleia” ou “lugar da assembleia”. O fato de que seu nome mais comum seja originado da língua grega indica que a sinagoga é historicamente um produto da diáspora judaica, isto é, do espalhamento e dispersão desse povo pelo mundo desde o último milênio da Antiguidade. Em hebraico, a sinagoga é denominada: בית כנסת *beit kenestet*, “casa da assembleia” ou בית תפילה *beit tefila*, “casa de oração”. Os judeus asquenazitas, oriundos de comunidades fixadas desde a Idade Média na Europa Oriental, têm tradicionalmente usado o termo ídiche *shul* (cognato com a palavra “schule” alemã, “escola”) na fala cotidiana. Também os judeus italianos costumam chamar suas sinagogas de *scuola*, numa referência a uma das múltiplas funções que tais lugares tiveram enquanto espaços comunitários. Judeus sefarditas, oriundos da Península Ibérica, e judeus romaniote, de língua grega, geralmente usam o termo *kal* (do hebraico *ahal*, que significa “comunidade ou congregação”). Os judeus portugueses a chamam suas sinagogas de *esnoga*. Judeus persas e alguns judeus caraitas usam o termo *kenesa*, derivado do aramaico, e alguns judeus mizrahi usam o termo *kenis*, ambos termos cognatos a *knesset*, assembleia. Desde o século XIX, entre os judeus reformistas, reconstrucionistas e conservativos ou *massortim* é comum o uso da palavra “templo”, um termo que no início foi utilizado para designar as grandes sinagogas construídas no século XIX e XX. O termo de origem grega *sinagoga* é usado com variantes em inglês, alemão, francês e na maioria das línguas neolatinas, para cobrir as possibilidades precedentes (Widoger, 1992, p. 169).

## Exterior da sinagoga

Quem observa o exterior de diversas sinagogas notará que não há um traço arquitetônico característico comum a todas ou à maioria delas (Widoger, 1992, pp. 76-77,

95, 106, 160, 192). Isso se deve ao fato de que sinagogas foram criadas em distintas épocas, ao longo de mais de dois mil anos, e também em diferentes lugares a Oriente e a Ocidente, onde predominaram as mais diversas tendências arquitetônicas. Outro fato importante é que em muitos lugares no passado, como por exemplo na Idade Média europeia, os judeus não tinham permissão para construir prédios especialmente designados para esse fim e, assim, tiveram que adaptar seus espaços de oração em construções que serviam a outros propósitos (Widoger, 1992, pp. 82-83). Grandes sinagogas belamente construídas como casas de oração são um fenômeno relativamente recente no Ocidente e estão ligadas à emancipação dos judeus, isto é, à sua elevação à condição de cidadãos que, durante o século XIX, começaram a receber direitos civis e, conseqüentemente, a poder sair dos guetos. Mesmo numa mesma localidade, as sinagogas podem ter os mais diversos padrões e fachadas. Desse modo, as sinagogas são muito mais caracterizadas pela organização de seu espaço interno do que por sua fachada exterior. Muitas sinagogas ficam dentro de prédios comunitários com outras funções primárias como escolas, hospitais e associações. Mesmo hoje em dia é comum que uma casa ou prédio comercial seja reformado internamente para abrigar uma sinagoga local (Spitzkovisky, 2004, p. 14).

Não há nenhum projeto definido para sinagogas e as formas arquitetônicas e desenhos de interiores das sinagogas variam muito. De fato, a influência de outros edifícios religiosos locais pode ser vista frequentemente nos arcos, cúpulas e torres das sinagogas. Historicamente, as sinagogas foram construídas no estilo arquitetônico predominante em cada tempo e lugar. Por exemplo, a sinagoga medieval de Kaifeng, na China (Widoger, 1992, p. 160), assemelhava-se muito aos templos chineses daquela região e época, com sua parede externa e jardim aberto em que vários edifícios estavam dispostos. Os estilos das primeiras sinagogas se assemelhavam aos dos templos de outros cultos do Império Romano do Oriente (Branhan, 1992, p. 08-47). As sinagogas sobreviventes da Espanha medieval são embelezadas com reboco mudéjar. As sinagogas medievais sobreviventes em Budapeste e Praga, bem como as ruínas da sinagoga medieval de Viena, são estruturas góticas típicas (Widoger, 1992, pp. 48-49). Outro tipo interessante são as sinagogas de madeira construídas na Europa Oriental, sóbrias por fora e pintadas de modo colorido no interior (Piechottka, 1959, p. 35-40).

Internamente, as sinagogas, em geral, têm um grande espaço para a oração, o santuário principal, e também podem ter salas menores para estudo e, às vezes, hoje em dia, um salão social e escritórios para administração comunitária. É muito comum que nos prédios que abrigam as sinagogas contemporâneas existam cozinhas e outros equipamentos de uso comunitário. Algumas sinagogas têm uma sala separada para o estudo da Torá. Este recinto é chamado de בית מדרש *beth midrash*, isto é, “casa de estudo”. Contudo, muitas vezes a casa de estudo é localizada no próprio recinto principal da sinagoga.

As sinagogas são espaços usados para diversos propósitos além da oração comunitária, como, por exemplo, a leitura pública e estudo do Tanakh, a Bíblia Hebraica, em especial, mas não somente o Pentateuco, isto é, a Torá Escrita; no entanto, como já dito, uma sinagoga não é necessária para nenhum elemento do culto pessoal ou público. Como já mencionado, a Halakhá, o sistema jurídico rabínico, sustenta que o serviço

religioso judaico comunitário pode ser realizado onde quer que um mínimo de dez judeus (*minyan*) se reúnam (Asheri, 1995, p. 11). As orações pessoais também podem ser realizadas pelo indivíduo sozinho ou com menos de dez pessoas reunidas. No entanto, a lei judaica rabínica considera que certas rezas têm um caráter mais sagrado e, assim, elas só podem ser proferidas em presença da congregação reunida e, portanto, devem ser recitadas apenas na presença de pelo menos um quórum (*minyan*) de dez adultos reunidos. Importante notar que, em termos de seu ritual específico e funções litúrgicas comunitárias, a sinagoga local não substituiu o Templo de Jerusalém, destruído há quase dois mil anos. Somente alguns rituais praticados no Templo foram transferidos para o recinto da sinagoga depois de sua destruição pelos romanos.

Referências acerca das primeiras sinagogas como centros comunitários locais, tanto em Israel como na diáspora, datam de pelo menos dois ou três séculos antes da destruição do Segundo Templo, que ocorreu em 70 EC. Isso significa que as sinagogas apareceram como casas de oração enquanto a principal liturgia comunal judaica ainda era centrada em torno das oferendas sacrificiais, trazidas pelos *kohanim* (sacerdotes) no Templo em Jerusalém (Fine, 1996, p. 21-74). A liturgia de orações era ainda tida como algo secundário em relação aos sacrifícios. No entanto, o surgimento desses centros comunitários locais teria um efeito revolucionário no Judaísmo dos séculos seguintes, além de uma influência importante sobre a igreja cristã e a mesquita islâmica, que também foram criadas como casas de oração. Foi no final da Antiguidade que a linguagem das orações judaicas começou a ser formalizada e padronizada, como uma expressão popular paralela ao ritual de oferendas realizado em Jerusalém. Antes disso, as pessoas oravam como bem entendiam, com cada pessoa rezando a seu próprio modo, e não havia orações padronizadas que fossem recitadas em público. As primeiras peças litúrgicas orais ainda atreladas ao ritual do Templo foram os Salmos. Desde o século V antes da Era Comum começou entre os judeus o costume de ler as Escrituras e recitar trechos especiais, que poderiam ser proferidos por qualquer um em qualquer lugar. Tais passagens começaram a ser recitadas pelos indivíduos ou, então, nas reuniões comunitárias cujo propósito inicial foi a leitura pública da Torá, no Shabat, nas festas e nos dias de feira.

Segundo a tradição judaica, Rabi Iohanan ben Zakai, um dos principais líderes fariseus do final da era do Segundo Templo, no último quarto do primeiro século da EC incentivou a ideia de criar casas comunitárias de oração em qualquer lugar que os judeus se encontrassem, mesmo nas menores aldeias e nos lugares mais afastados. Isso contribuiu para a continuidade do povo judeu, mantendo uma identidade única e uma maneira portátil de culto, apesar da destruição do Templo (Seltzer, 1989, p. 50). Evidências arqueológicas mais remotas da existência de sinagogas na Antiguidade vêm do Egito, onde inscrições em pedra de dedicação de sinagoga, que datam do século III AC, provam que estes edifícios já existiam naquela data (Fine, 1996, p. 21-22.). Mais de uma dúzia de sinagogas da era do Segundo Templo foram identificadas por arqueólogos em Israel e outros países pertencentes ao mundo helenístico. Durante a Idade Média, as sinagogas se espalharam pelo mundo islâmico e pela Europa cristã na medida em que os judeus se dispersavam nestas regiões.

O Judaísmo é uma religião laica. Desse modo, qualquer indivíduo ou grupo de judeus pode construir uma sinagoga. Sinagogas foram edificadas pelos antigos reis

macabeus, por patronos ricos, como parte de uma ampla gama de instituições humanas, incluindo instituições educacionais seculares, por toda a comunidade de judeus que vivem em um lugar particular, ou por subgrupos de judeus por origem ou opção de linha religiosa. Na Idade Média e começo da Modernidade, muitas sinagogas foram criadas nos bairros judeus dispostos de acordo com sua ocupação ou filiação a uma corporação de ofício. Por exemplo, na Polônia, no começo do século XX, ainda havia as sinagogas dos sapateiros, dos agueiros, dos marceneiros ou de outros grupos de artesãos. Em outros lugares, as sinagogas foram criadas por etnia, isto é, os judeus sefarditas, poloneses, italianos, persas, ou oriundos de uma cidade ou região, quando se encontrava em uma terra estrangeira e queriam se distinguir de outros grupos judaicos. Hoje em dia, é comum existirem sinagogas por estilo de observância religiosa, isto é, uma sinagoga reformista ou ortodoxa, ou uma sinagoga de seguidores de um rabino em particular.

A sinagoga tornou-se o principal local de liturgias públicas somente após a destruição do Segundo Templo, durante a Primeira Guerra Judaica-Romana, no final do Primeiro Século EC, durante o período helenístico. A popularização da oração sobre o sacrifício durante os anos anteriores à destruição do Segundo Templo, em 70 EC, preparou os judeus para a vida na diáspora, em que a oração serviria como o elemento principal do culto judaico. Apesar de existirem casas de oração antes da Primeira Guerra Judaico-Romana, a sinagoga emergiu como uma fortaleza para o culto judaico após a destruição do Templo. Dentro da sinagoga, os judeus se voltavam a Deus em oração, em vez de com a apresentação de sacrifícios, que anteriormente serviam como a principal forma de adoração dentro do Segundo Templo.

Com a emancipação dos judeus nos países da Europa Ocidental, durante o século XIX, isto é, quando os judeus puderam se tornar cidadãos de seus países, a partir da Revolução Francesa e de Napoleão e, assim, participar da vida social fora do gueto, o que não só permitiu aos judeus participar de atividades econômicas às quais eles eram barrados anteriormente. Na condição de cidadãos, os judeus passaram a ter o direito de construir sinagogas sem precisar de permissões especiais. Nos guetos e judiarias medievais, as sinagogas poderiam ser prédios especialmente construídos com esse propósito ou adaptados para o uso religioso, mas eram em geral espaços relativamente pequenos, em especial no mundo cristão. Contudo, um dos efeitos da emancipação foi a saída dos guetos, feita em especial pelos mais ricos. O judeu agora passaria a ser o cidadão respeitável, francês ou alemão, de fé mosaica (Seltzer, 1989 p. 580). Nesse contexto, a arquitetura da sinagoga floresceu grandemente no Ocidente. Grandes comunidades judaicas, nas quais seus membros mais ricos passaram a viver o modo de vida típico da burguesia, queriam mostrar aos seus concidadãos não apenas sua riqueza, mas também seu recém-adquirido status de cidadãos respeitáveis, construindo magníficas sinagogas. Essas verdadeiras catedrais judaicas foram edificadas por toda a Europa Ocidental e nos Estados Unidos com vários estilos artísticos que, naquela época, eram a moda de então. Assim, entre as sinagogas construídas naquele período em cidades diversas como Berlim, Florença, Paris, Nova Iorque, Praga ou Cracóvia, houve o reavivamento dos estilos neoclássico, neobizantino, mourisco, neogótico e dos estilos ecléticos. As sinagogas desse período são espaços enormes, feitos para reunir comunidades judaicas de milhares de

membros, com a finalidade de mostrar a importância da comunidade judaica perante a sociedade geral. Um belo exemplo desse tipo de sinagoga é a Grande Sinagoga de Florença, construída no final do século XIX. O auge do período da construção desse tipo de grande sinagoga foi o final do século 19 e início do século 20. Interessante que a maioria dessas sinagogas, mesmo as mais magníficas, não expressava um estilo puro, ou mesmo qualquer estilo particular, de algum modo elas são vagamente inspiradas num na ideia que se tinha da mesquita no Ocidente naquele momento que era o auge do período colonial, elas poderiam ser descritas como mesquitas sem minarete ou de estilo eclético vagamente inspirado na Santa Sofia de Istambul, isto é, num estilo difusamente oriental ou mourisco. É uma pena que várias dessas sinagogas não tenham sobrevivido ao período nazista e à destruição da guerra. Na Alemanha, várias delas foram queimadas ou bastante danificadas na Noite dos Cristais em 1938 ou, depois, em virtude dos ataques aéreos dos aliados.

Na segunda metade do século XX, surgiram sinagogas com diversos estilos associados ao modernismo, que se tornou o estilo preponderante das sinagogas construídas em todo mundo desde então. Nos subúrbios de classe média das cidades norte-americanas, foram construídas a partir dos anos cinquenta muitas sinagogas espaçosas, de linhas horizontais e cercadas por amplos estacionamentos. Poderiam ser tão grandes quanto as grandes sinagogas da *Belle Époque*, mas são menos ornamentadas e suntuosas do que as sinagogas construídas na geração anterior. Muitas sinagogas contemporâneas funcionam em prédio comunitários maiores, como escolas, associações culturais, lares de idosos ou hospitais. Importante notar que, apesar de a maioria das sinagogas ser construída especialmente como espaço religioso, ainda existem muitas sinagogas que funcionam em imóveis construídos para outros fins e reformados para seu uso como sinagoga. Por exemplo, cidade de São Paulo há diversos exemplos de casas e prédios cujo uso foi transformado para abrigar uma sinagoga.

## Interior da sinagoga

Se o exterior, isto é, a fachada da sinagoga, é caracterizada pela diversidade arquitetônica, o espaço interior da sinagoga tem uma organização bastante própria e que tem se mantido basicamente a mesma desde pelo menos o final da Antiguidade. O que caracteriza o espaço interno de uma sinagoga é a presença em geral de certos elementos que compõem o arranjo de sua arquitetura interior, que tanto podem ser elementos fixos, feitos de alvenaria ou feitos de madeira, como podem ser parte de um mobiliário básico, que organizam o espaço (Lange, 2007, p. 108-109). No entanto, pode-se dizer que dois elementos principais caracterizam o interior de uma sinagoga, e é difícil dizer qual deles é o mais essencial.

O primeiro desses elementos é a Arca Sagrada, chamada em hebraico שְׁדוּקָה וָאֲרֹן אֲרוֹן הַקֹּדֶשׁ (Arca Sagrada), alternativamente chamada pelos judeus sefarditas de Heikhal - לְכִיָּהּ, literalmente “O Palácio”, numa alusão ao Templo de Jerusalém, em especial ao recinto mais recôndito do Templo, o Santo dos Santos (Kodesh Hakodashim), onde, de acordo com a tradição, atrás de uma cortina se localizava uma arca com as

Tábuas da Aliança (Lukhot Habrit). Trata-se de um armário ou nicho no qual os rolos da Torá, isto é, do Pentateuco, são mantidos (Spitzkovisky, 2004, p. 72, 89, 93). A arca de uma sinagoga está quase sempre posicionada de tal maneira que aqueles que a encaram estão voltados na direção de Israel, Jerusalém e do Monte do Templo. É nessa direção que deve ser recitada durante a principal oração judaica, a Amidá. Essa oração é recitada de pé pelo devoto voltado para a direção da Arca Sagrada, isto é voltado para a direção do local onde existiu o Templo de Jerusalém. Assim, nos santuários no mundo ocidental, geralmente as pessoas que oram se voltam para o leste, enquanto os do leste de Israel se voltam para o oeste. Os santuários de Israel estão voltados para Jerusalém. E as Arcas Sagradas das sinagogas de Jerusalém estão voltadas na direção do Monte Moriá, onde hoje em dia estão as mesquitas do complexo de Al-Aksa. Essa regra é apenas um costume; assim, ocasionalmente, as Arcas Sagradas nas sinagogas estão voltadas para outras direções por razões estruturais; em tais casos, os indivíduos podem se voltar para a direção de Jerusalém e não a da Arca Sagrada quando estão orando.

A Arca é uma reminiscência da Arca da Aliança, que continha as tábuas inscritas com o Decálogo. Esse é o local mais sagrado de uma sinagoga, equivalente ao Santo dos Santos do Templo de Jerusalém. Tal como o Santo dos Santos, a Arca é muitas vezes fechada com uma cortina ornamentada, a parokhet תכורף, que fica pendurada do lado de fora ou de dentro das portas da Arca (Spitzkovisky, 2004, p. 150-151). Os ornamentos dessa cortina em geral repetem temas típicos da iconografia tradicional judaica como a presença de uma coroa, das Tábuas com o Decálogo, de leões, versículos bíblicos e nomes em hebraico de doadores ou homenageados, etc. Nas sinagogas que seguem um padrão arquitetônico moderno, as cortinas também tendem a seguir um estilo de acordo com a arte contemporânea (Spitzkovisky, 2004, p. 111.).

Dentro da Arca Sagrada são em geral guardados pelo menos três cópias do Séfer Torá, de rolos de pergaminho com o texto do Pentateuco escrito a mão em hebraico, colocados dentro de uma caixa ou de uma vestimenta ornada com coroas e peitorais e penduricalhos de ouro ou prata. Grandes sinagogas podem ter mais de uma dezena de Rolos da Torá (Spitzkovisky, 2004, p. 47 e 147). Esses rolos de pergaminho são escritos a mão por um escriba, chamado em hebraico sofer, um artesão que, de modo cuidadoso, escreve no pergaminho, num trabalho que dura muitos meses, copiando com grande exatidão o texto de outro Rolo da Torá. Durante a liturgia da leitura pública, um ou mais rolos são retirados da Arca e levados em procissão, passando pela congregação, que toca e beija respeitosamente o rolo, que é então levado até a plataforma onde será lido em público de forma cantada, por um membro da congregação especialmente designado para essa função. Há muitos estilos de canto do texto que foram criados através dos séculos. As leituras públicas da Torá ocorrem nos sábados de manhã e de tarde, nas segundas e quintas-feiras pela manhã e nos dias de festa e jejum. Além do Rolo da Torá, também são lidos nas manhãs de sábado e das festas trechos dos Profetas, que não são lidos de rolos de pergaminho, mas de um livro comum impresso. Durante o ano judaico, outros livros da Bíblia Hebraica são lidos em diversas ocasiões.

Outro elemento básico presente nas sinagogas é a plataforma de onde é lida a Torá (Lange, 2007, p. 108). A plataforma onde o Rolo da Torá é lido publicamente é chamada nas sinagogas asquenazitas de Bimá, termo que significa “mesa elevada”, e

nas sinagogas de judeus sefarditas e de outras comunidades orientais essa plataforma é chamada Tevá, que significa “coreto”, pois ela é cercada por uma balaustrada. Todas as sinagogas contêm uma Bimá ou Tevá. É dessa plataforma que em geral as orações são conduzidas. Em geral, essa mesa alta é localizada no centro da sala ou entre o centro e a parede onde está a Arca. É comum que essa mesa seja também ornada com uma toalha ou outros elementos decorativos e que fique num tablado elevado em relação aos assentos. Daí a expressão “subir até a Torá”, que designa o ato de ir até o pergaminho para a leitura pública de um trecho.

Acima da Arca Sagrada está localizada a Lâmpada Constant (Lange, 2007, p. 108), *Ner Tamid* (נר תמיד), no passado uma candeia ou vela e, hoje em dia, uma lâmpada elétrica que fica sempre acesa quando há Rolos da Torá na Arca. Tais lâmpadas podem ter muitos estilos, fixadas na parede, acima do armário, ou pendentes do teto. Uma das Lâmpadas Constantes mais interessantes e tocantes é aquela que existe hoje na sinagoga de Belmonte (Garcia, 1999, p. 201), em Portugal, pois, é uma lâmpada que imita as lamparinas de shabat que as mulheres criptojudias acenderam através dos séculos no cômodo de suas casas, como sinal da manutenção de sua identidade secreta.

Afora esses elementos básicos, a decoração interna de uma sinagoga pode variar muito. Uma sinagoga pode ser adornada com obras de arte e vários tipos comuns na iconografia tradicional podem ser vistos. Contudo, segundo a tradição rabínica, esculturas tridimensionais e representações do corpo humano não são permitidas, pois são consideradas como semelhantes e alusivas à idolatria. É comum que as sinagogas tenham placas com nomes de pessoas falecidas homenageadas por membros da família ou mesmo pela congregação toda. Interessante notar que a Menorá, o candelabro de sete braços, e a Estrela de Davi, símbolos judaicos muito conhecidos, podem ou não aparecer na iconografia de uma sinagoga.

Originalmente, as sinagogas eram desprovidas de muitos móveis. Os congregantes judeus na Espanha, no Magrebe (Norte da África), no Iraque, na Síria, na Terra de Israel e no Iêmen tinham o costume de se sentar no chão, que havia sido coberto de esteiras, tapetes e almofadas (Widoger, 1992, p. 138 e 139). Somente mais tarde foram introduzidas cadeiras ou bancos. Na Europa, porém, os congregantes judeus desde a Idade Média já se sentavam em cadeiras e bancos. Hoje, o costume de se sentar em cadeiras e bancos se espalhou em quase todos os lugares. Somente nas sinagogas caraítas, grupo dissidente do Judaísmo rabínico, é mantido hoje o costume de se sentar no chão sobre tapetes, tal como é usual nas mesquitas (Widoger, 1992, p. 140). Em uma sinagoga asquenazita, costumeiramente a maioria dos assentos faceia a Arca Sagrada (Spitzkovisky, 2004, p. 157). Em uma sinagoga sefardita ou oriental, os assentos são geralmente dispostos em torno do perímetro do santuário, voltados para o centro (Widoger, 1992, p. 136), mas quando os fiéis se levantavam para orar a Amidá, a principal oração judaica, todos se voltam na direção da Arca.

Alguns assentos especiais podem ser encontrados numa sinagoga. Muitas sinagogas atuais têm uma cadeira elaborada dedicada ao profeta Elias, sobre a qual o bebê é colocado durante a cerimônia do Brit Milá, isto é, da circuncisão dos recém-nascidos. Em algumas sinagogas, cadeiras especiais colocadas na parede de frente ao lado da Arca Sagrada e ao lado do Arca da Torá são reservadas para os membros proeminentes da congregação e para convidados importantes.



## Costumes, normas e organização do espaço

Com relação à separação de gêneros, na maioria das sinagogas tradicionais e em praticamente todas as ortodoxas, os adultos homens e mulheres sentam-se em diferentes seções. Assim, muitas dessas sinagogas apresentam uma balaustrada, grade ou biombo (Lange, 2007, p. 150) que serve como divisão (mekhitza) que separa as áreas de assento dos homens e das mulheres, ou uma seção separada para mulheres localizada em um balcão acima da área dos assentos destinados aos homens (Spitzkovisky, 2004, p. 35 e 37). A separação tem origem na noção de preservação do pudor e da modéstia do público presente durante o horário das orações. Contudo, a maioria das sinagogas não ortodoxas, conservativas, reformistas, reconstrucionistas e liberais em geral aboliu a separação de gêneros desde a segunda metade do século XX. Essa foi a primeira etapa para o processo que se intensificou a partir de então no sentido de maior inclusão das mulheres no ritual (Widoger, 1992, p. 194 e 202). Essa mudança no ordenamento do espaço da maioria das sinagogas não ortodoxas se somou a outras mudanças no ritual, no sentido de igualar a possibilidade de participação das mulheres em outros aspectos da liturgia. Mesmo em algumas sinagogas ortodoxas moderadas nos EUA, na Europa ou em Israel, ecos dessas mudanças ocorreram. Por outro lado, é visível uma reação dos setores fundamentalistas no sentido de reforçar e ampliar a separação entre homens e mulheres em outras áreas da vida social.

Em geral, na maioria das sinagogas, os homens devem cobrir suas cabeças com um solidéu (kipá), um chapéu ou um boné (Lange, 2007, p. 108.). Isso nem sempre foi costumeiro em todos os lugares. Contudo, desde a Idade Média esse costume se popularizou através do mundo judaico. Muitas mulheres ortodoxas casadas cobrem suas cabeças dentro ou fora da sinagoga, mas as mulheres solteiras não costumam cobrir suas cabeças e esconder seus cabelos em qualquer situação. Nas sinagogas não ortodoxas as mulheres em geral não cobrem suas cabeças. Contudo, é interessante que vai se tornando cada vez mais comum que mulheres frequentadoras de sinagogas não ortodoxas cubram suas cabeças durante as rezas, não como sinal de modéstia, como no caso das ortodoxas, mas para seguir o costume masculino de cobrir a cabeça para orar (Widoger, 1992, p. 194). Outro aspecto interessante desse tema diz respeito às ressignificações dos costumes judaicos. No início do movimento da reforma judaica na Alemanha e principalmente nos EUA, apareceram sinagogas onde ninguém cobria sua cabeça, nem homens nem mulheres. Isso pode ser visto no Templo Emanuel, em Nova Iorque, uma das sinagogas remissivas da reforma clássica do século XIX. Contudo, um número cada vez menor de sinagogas reformistas mantém esse costume de ninguém cobrir a cabeça durante os serviços religiosos.

O movimento de Reforma Judaica, que surgiu na Alemanha, no início do século XIX e depois se espalhou pelos EUA e outros países, fez muitas mudanças na aparência tradicional da sinagoga, mantendo seu desejo de permanecer simultaneamente judaico e ser aceito pela cultura anfitriã. Por exemplo, a primeira sinagoga reformista, inaugurada em Hamburgo em 1811 (Seltzer, 1989, p. 577-581), introduziu mudanças que fizeram a sinagoga parecer mais próxima do estilo de uma igreja luterana, com as orações cantadas como hinos e certa pompa. Essas mudanças incluíam a instalação de um órgão para

acompanhar as orações, mesmo no Shabat, quando instrumentos musicais são proibidos pela lei rabínica, um coral para acompanhar o hazan (o cantor litúrgico) e vestimentas especiais para o rabino e cantor litúrgico da sinagoga usar. Nas décadas seguintes, a plataforma de leitura da Torá, a Bimá, foi transferida para a frente do santuário de tipo liberal e, em alguns casos, colocada de lado; então, foram colocadas duas plataformas de leitura. Essas mudanças, antes inéditas nas sinagogas tradicionais, tornam a aparência da Bimá semelhante ao altar de uma igreja. Nas sinagogas reformistas, a leitura dos rolos e a condução das orações passaram a facear o público e a dar suas costas à Arca. Essas mudanças na organização do espaço, juntamente com a abolição da separação de gêneros, teve como mote a modernização e o enxugamento dos serviços religiosos com a intenção de torná-los mais simples e de menor duração, inclusive com a adoção de passagens lidas na língua local.

## Liturgias

A oração, tefilá, considerada como um “serviço a Deus prestado pelo coração” é, em princípio, segundo a tradição rabínica, um mandamento baseado na Torá. Não depende do tempo e é obrigatória para homens e mulheres judeus. A base bíblica é o versículo “Você servirá a Deus de todo o seu coração” (Deuteronômio 10: 10). Perguntam os sábios “qual o serviço prestado pelo coração”? A oração. Em geral, hoje, os homens judeus são obrigados a realizar tefillah (“oração”) três vezes ao dia dentro de intervalos de tempo específicos (zmanim), enquanto, de acordo com alguns poskim (“autoridades legais judaicas”), as mulheres são obrigadas a se envolver na tefilá uma vez por dia, enquanto outros sábios dizem pelo menos duas vezes por dia. Quando a oração é proferida por um grupo de dez judeus adultos, ela é recitada como liturgia pública em voz alta com cantos característicos (Klein, 1992, p. 20-25.).

Tradicionalmente, desde o final do período do Segundo Templo, três liturgias públicas de oração são recitadas diariamente em congregação:

- 1- Liturgia da manhã: Shaharit (שַׁהַרִּית), do termo hebraico ou shahar (שָׁחַר) “luz da manhã”;
- 2- Liturgia da tarde: Minkha (מִנְחָה), liturgia da tarde que leva o nome da oferta de farinha que acompanhava os sacrifícios no Templo em Jerusalém;
- 3- Liturgia da noite: Arvit (אַרְבֵּית, “da noite”) ou Maariv (מַעֲרִיב, “trazendo na noite”), proferida de preferência no começo da noite. (com ponto)

Outras liturgias são:

- 4- Liturgia Adicional, em hebraico Mussaf (מוֹסַף, “adicional”), recitada por congregações ortodoxas, conservativas ou massorti e reformistas moderados no Shabat, principais feriados judaicos e em Rosh Chodesh, na lua nova. Essa liturgia é feita em geral no final da manhã e começo da tarde (Klein, 1992, p. 265-269);
- 5- Um quinto serviço de oração, chamado de Ne’ila (נְעִילָה, “fechamento ou encerramento”), é recitado apenas no final do Yom Kipur, o Dia da Expição (Klein, 1992, p. 220).

Cada uma dessas liturgias é composta da recitação cantada de diferentes maneiras e estilos de salmos, bênçãos, rezas e recitação de trechos bíblicos ou trechos da literatura rabínica. Além disso, nas liturgias públicas mais importantes, passagens do Pentateuco, lidas somente diretamente de um Rolo da Torá manuscrito, ou passagens dos profetas, que podem ser lidas de qualquer livro, mesmo impresso, são recitadas de modo cantado em voz alta para toda a congregação. A sinagoga tradicionalmente é o local principal onde as liturgias públicas são realizadas. Foi em torno da evolução delas que a sinagoga se desenvolveu ao longo dos séculos, desde o final da Antiguidade, passando pelo Medieval e até os Tempos Modernos.

Outras liturgias ligadas ao ciclo de vida eram em geral realizadas no lar ou em outros espaços comunitários, como as casas de banho ritual (mikvá), os cemitérios, os salões e as praças. Os jantares da noite de Shabat, dos primeiros dias da Pessah, a Páscoa Judaica, dos dias feriados, do Rosh Hashaná, por exemplo, têm o lar como seu local tradicional. A sinagoga tradicional não foi concebida como lugar de realização da cerimônia de casamento judaico e por isto os casamentos eram feitos nas praças dos guetos e bairros judaicos (Lange, 2007, p. 87).

Nos últimos duzentos anos, entre os séculos XIX e XXI, com a saída dos judeus dos guetos no mundo ocidental e as mudanças de padrão cultural que desde então ocorreram, muitos rituais domésticos passaram a ser feitos nas sinagogas. As sinagogas não ortodoxas em geral, mas muitas ortodoxas também, foram, por exemplo, reorganizadas para ter um corredor por onde passar a noiva no casamento. Jantares comunitários, feitos nas sinagogas, muitas vezes têm substituído os jantares familiares para aqueles que perderam esse vínculo. Lugares para o banho ritual são construídos em prédios de sinagogas. Esses são exemplos pontuais do rearranjo e ressignificação da sinagoga como espaço comunitário judaico nos dias atuais.

## Conclusão

Apesar de a sinagoga ser uma instituição que, em sua organização interna, faz referência ao Templo de Jerusalém, e que no começo foi apenas uma instituição secundária, ela terminou sendo uma instituição mais longa na história judaica do que o Templo. Juntos, o Primeiro e Segundo Templo existiram por cerca de mil anos, contudo a sinagoga já existe há mais de dois mil e trezentos anos. Enquanto o Templo, que só poderia existir em um único lugar, saiu do espaço físico e adentrou o imaginário, as sinagogas se espalharam por todo o mundo, criadas em quase todos os lugares por onde os judeus passaram nesses dois milênios. A razão de seu sucesso como espaço religioso comunitário está, por um lado, na simplicidade profunda de sua organização interna, que estruturalmente é composta de um Rolo da Torá e uma mesa para a leitura pública dele. A sinagoga, enquanto instituição, é tão transportável quanto um rolo de pergaminho. Para um povo espalhado e muitas vezes levado a ter que se mudar repentinamente de um lugar para outro, essa portabilidade é uma força. A outra razão para o sucesso da sinagoga como instituição no Judaísmo é sua laicidade. No Templo, apenas os sacerdotes considerados descendentes de Aarão e Tzadok poderiam officiar a liturgia

central das oferendas. O resto do povo poderia apenas assistir ao ritual. A sinagoga, porém, é um espaço laico, onde não é necessário nenhum tipo de ordenação específica para liderar as orações e as leituras públicas. Basta a presença de um quórum mínimo de dez adultos para que uma congregação seja considerada como reunida para o rito público. Os rabinos não têm uma função espacial nas sinagogas tradicionais.

Apesar de que não se vislumbra nenhuma instituição nova que apareça no horizonte para substituir ou superar a sinagoga, algumas tendências novas apareceram nas últimas décadas. Na praça criada em frente ao Muro da Lamentações depois de 1967 é comum que grupos distintos, rezando ao mesmo tempo, leiam a Torá em diversas mesas lado a lado. Os rolos, por exemplo, são guardados em um salão ao lado da praça e trazidos para fora por ocasião de sua leitura. Esse tipo de sinagoga na praça faz retornar o costume antigo de ler a Torá nos largos em dias de mercado, quando multidões se reuniam. Outra tendência interessante foi o surgimento de grupos informais, principalmente nos EUA, que, em vez de buscar as sinagogas para realizar seus serviços religiosos, preferem reunir-se em casas de maneira mais informal. Esse tipo de grupo chamado de *havurá* (fraternidade) tornou-se uma alternativa às congregações formais. Contudo, não se trata de uma nova forma de serviço religioso, mas de levar a sinagoga para um espaço mais informal, reforçando seu aspecto laico e coletivo. Ao invés de superar o modelo da sinagoga, tais tendências mostram sua versatilidade.

## Referências

- ASHERI, M. – O Judaísmo Vivo. IMAGO, Rio de Janeiro, 1995
- BRANHAN, Joan, Sacred Space under Erasure in Ancient Synagogues and Early Churches, em *Bulletin* 74 (1992).
- ELBOGEN, I – Jewish Liturgy – a Comprehensive Study, JPS, N. York, 1980.
- FINE, S. From Meeting House to Sacred Realm, em Fine, S, *The Sacred Realm*, N. York e Oxford, 1996, pp. 21-22.
- HESCHEL, A. – O homem a procura de Deus, Ed. Paulinas, S. Paulo, 1973.
- KLEIN, Isaac, A Guide to Jewish Religious Practice, N. York, The Jewish Theological Seminary, 1992.
- LAMM, M – Bem-vindo ao Judaísmo, Sefer, S. Paulo, 1999.
- LANGE, Nicholas, Povo Judeu (Grandes Livros de Religião), Barcelona; Ediciones Folio, 2007.
- Mishná Tratado Prike Avot, Madrid: Editora Nacional, 1981.
- PIECHOTTKA, M&K, Wooden Synagogues, Varsóvia: Polska Publisher House, 1959.

SELTZER, Robert M. Povo judeu, pensamento judaico II. Rio de Janeiro: A. Koogan Editor, 1989 (Coleção Judaica).

SPITZKOVISKY, Jaime, Sinagogas do Brasil, São Paulo: Banco Safra, 2004.

WIDOGGER, Geoffrey, The Story of the Synagogue. Tel Aviv: Harper&Row, 1992

Recebido: 29 de janeiro de 2019.

Aprovado: 14 de março de 2019.